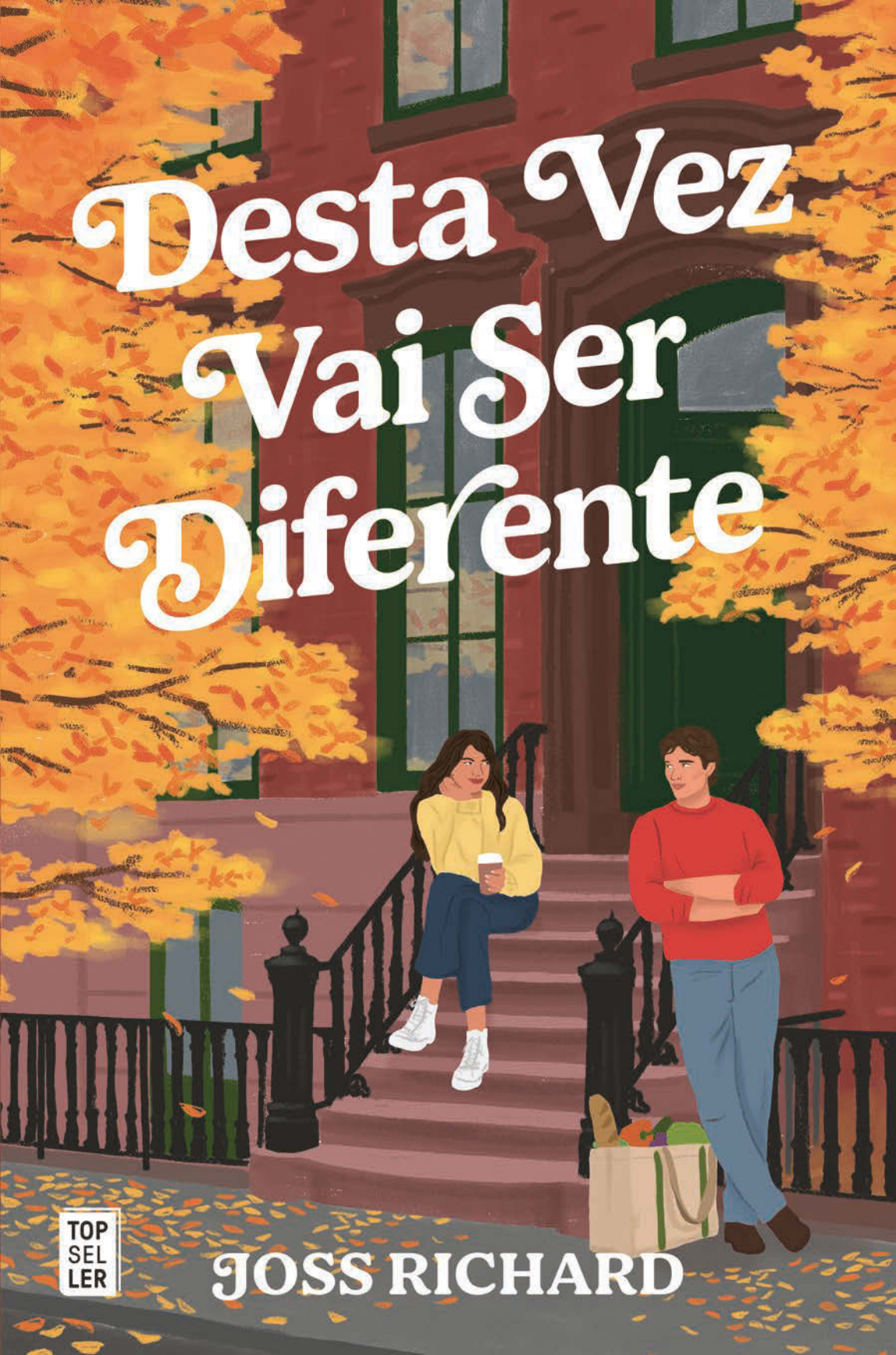




Desta Vez Vai Ser Diferente

TOP
SEL
LER

JOSS RICHARD

Jack e Janet, este é para vocês.

Capítulo 1



— A série vai ser cancelada. — A voz da Theo interrompe-me os pensamentos.

Lanço um olhar para o relógio no tabliê do carro, que marca 8h27, e vêm-me à cabeça duas coisas: a primeira é que já não tenho tempo para ir buscar um café antes de ir para o estúdio. A segunda é que deveria existir uma regra de algibeira para más notícias. Para ser mais específica, uma regra que dissesse que a tua agente não te pode dizer que estás desempregada antes das nove da manhã.

— Ah — respondo, tentando parecer indiferente. — Bem... que bela merda.

Swindlers é... ou melhor, *era* uma comédia de meia hora que acompanhava a vida de executivos da televisão nos anos 70. Se foi o papel que definiu a minha carreira de atriz? Não. Mas pagava as contas? Quer dizer, estava a começar a pagar.

— Eu sei, mas isto acontece com frequência — garante-me a Theo. Aquele otimismo irritante instala-se no meu carro através da coluna *Bluetooth*. Baixo um pouco o vidro e inspiro o que, normalmente, seria considerado ar fresco, mas sejamos sinceros: é poluição. Neste momento, os vinte e sete graus de Los Angeles em pleno setembro são mais sufocantes do que qualquer outra coisa.

— E, June, eu sei que isto é uma porcaria — continua ela. — Mas a indústria está a atravessar uma fase complicada. Hoje em dia, quase nenhuma série passa da primeira temporada.

O meu cérebro entra em piloto automático enquanto sigo pela Melrose que, como era de esperar, está completamente congestionada. Estas coisas *realmente* acontecem, principalmente nas plataformas de *streaming*. Têm cancelado séries o ano todo, deixando muitos dos meus amigos atores sem trabalho durante meses. E, embora perceba perfeitamente a situação, conseguir um papel recorrente numa série parecia o início de uma nova fase. Uma fase mais segura, o início de uma carreira estável.

Sou atriz. *Vivo disto*. O que significa que já tive algumas falas em praticamente tudo, mas não sou conhecida por nenhum dos meus papéis e, ironicamente, nunca sei *quando* terei um novo papel. Felizmente, ninguém me aborda na rua quando saio de casa, o que até prefiro, já que considero uma sorte se os meus rendimentos mensais chegarem para pagar a renda.

Aperto o volante com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos enquanto tento não me entregar demasiado à sensação de fracasso.

— Está bem, então e agora? — Tento animar-me. — E os vídeos de apresentação?

— Bem, na verdade, isso é outra coisa que também queria falar contigo — responde a Theo. — O cinema e a televisão são *ótimas* opções, e consigo arranjar-te as audições... mas concentremo-nos de novo no teatro.

— Há alguma produção cá na cidade?

— Não. Em Nova Iorque.

— Theo... — Lanço um olhar exausto para o nome dela no ecrã do carro.

— Sei que é pedir muito, mas estão a aparecer umas reencenações fantásticas e, com a tua experiência, tens boas hipóteses. June, o teatro dá estabilidade e tu tens jeito.

Há cinco anos que a Theo é minha agente. Tem um nível de autoridade que a maioria das pessoas leva décadas a alcançar e é a pessoa mais honesta que conheço, quer goste ou não. Aos 32 anos, é ainda mais difícil ouvir coisas como: *ela não é suficientemente branca, nem suficientemente asiática, ou suficientemente étnica, e também é demasiado bonita para fazer o papel de amiga, mas também não tem potencial para ser protagonista*. Por isso, quando a Theo me diz que devia voltar a fazer teatro... é possível que tenha razão.

— Que reencenações são essas? — pergunto.

— Há algumas peças fora do circuito principal, mas na primavera há duas que sobem aos palcos da Broadway. Andam a ver se contratam alguns nomes de peso para o elenco.

Quase falho a saída, mas consigo virar a tempo para a entrada de acesso do estúdio. Aproximo o cartão da cancela e aceno com a cabeça para o velhote que está na cabine de segurança.

— Bom dia, Gus! Então, saiu-nos a lotaria?

— Bom dia, June. — Ele faz uma vénia, inclinando o chapéu de forma brincalhona. — Ainda aqui estou, não é?

— Fica para a próxima. — Ofereço-lhe um sorriso encorajador.

— É isso mesmo. — Ele ri-se. — Tem um bom dia!

— Tu também! — A cancela sobe e avanço para o parque de estacionamento, talvez pela última vez durante algum tempo. — Theo, acabei de chegar ao *set*... Podes dar-me tempo para pensar nisso?

— Claro. Tem um feliz último dia. — Deixa escapar uma gargalhada fraca.

— Obrigada. — Percebo imediatamente a ironia.

— Fazemos assim: liga-me para a semana e vemos como te estás a sentir, pode ser?

— Sim, parece-me bem. Obrigada.

Retiro a chave da ignição com um gesto brusco e fecho os olhos. Sinto uma pulsação insistente na têmpora, que tanto pode ser das

notícias como da falta de cafeína no organismo. Massajo a têmpora com os dedos indicador e médio, na tentativa de aliviar a dor.

Ultimamente, a minha carreira tem dependido menos da minha capacidade para interpretar um monólogo carregado de emoção e mais da capacidade para me manter relevante por trás do ecrã do telemóvel. Coisa em que, sinceramente, não sou grande espingarda. Não é que *não* queira fazer teatro. Não estou propriamente em posição de recusar um papel numa peça da Broadway ou mesmo fora dela. Simplesmente não posso mudar-me para Nova Iorque.

Nova Iorque não é uma opção.

Antes de conseguir o papel em *Swindlers*, estive quase oito meses inteiros sem conseguir nenhum trabalho. O que significou ter de desistir do meu estúdio e ir viver com os meus amigos Shivani e Zach até encontrar algo estável. Claro que fico chateada por a série ter sido cancelada, mas o que me custa mesmo é perder um salário fixo. Um salário que, se tivesse mais um ano de trabalho garantido, talvez finalmente me permitisse voltar a ter uma casa só minha.

— Ok... — A Shivani ergue o copo num brinde assim que chegam as bebidas da *happy hour*. Uma semana depois de terminarem as gravações, conseguiram finalmente arrastar-me até a um bar em Silver Lake para «comemorar» o meu último dia de filmagens. — Então, como é que estamos todos?

É difícil decidir o que celebrar primeiro: o meu seguro de saúde estar a acabar ou não ter nenhum trabalho em vista.

— Sabes como é. — Aceno com a cabeça, sendo sarcástica. — Já tive dias melhores.

— O que só significa que o Universo tem outros planos para ti. — A Shivani estica-se sobre a mesa para me apertar a mão.

Conhecemo-nos quando eu ainda tinha acabado de chegar a LA, há quase cinco anos. Frequentávamos a mesma aula de pilates e,

entretanto, ela tornou-se instrutora e conseguiu ao mesmo tempo construir uma carreira bastante bem-sucedida como *influencer*. O que não surpreende ninguém, já que a Shivani é absurdamente bonita e, desde que começou a namorar com um jogador de baseball dos Colorado Rockies, passou a ser daquelas pessoas a quem a Internet gosta de prestar atenção.

— Eu pensei mesmo que o papel em *Swindlers* era o que o Universo tinha preparado para mim — digo.

— Não fiques assim. A série era fraquita de qualquer maneira — diz o Zach, encolhendo os ombros. Vive com a Shivani há já alguns anos e foi daquelas pessoas com quem me dei bem imediatamente.

— Tu disseste literalmente na semana passada que era a melhor série que tinhas visto nos últimos tempos e que ia mudar a minha carreira. — Rio-me.

— Estava só a tentar animar-te! A ser um bom amigo.

— Porque achas que não renovaram a série? — pergunta a Shivani, enquanto corta um pedaço da sua salada de alface icebergue em cunha.

— Neste momento quase nenhuma série está a ser renovada para uma segunda temporada — digo, pondo mais guacamole no meu nacho.

— E as novelas? — pergunta o Zach.

— Zach, por favor... — A Shivani revira os olhos.

— O que foi? Aquele ator da série *The Young and the Restless* faz de Victor Newman há, tipo, cinquenta anos.

A Shivani estreita os olhos.

— Sim, mas será que é isso que *queremos*?

— Quer dizer, eu não me importava nada de receber aquele salário todas as semanas. — Ele encolhe os ombros. Se fosse outra pessoa qualquer, talvez eu ficasse ligeiramente ofendida, mas o Zach trabalha como videógrafo e percebe perfeitamente os altos e baixos da vida de *freelancer*.

A Shivani vira-se para mim.

— June, o que é que diz a tua agente?

— Não sei — suspiro. — Ela quer que eu volte ao teatro.

— Então é isso que *tens* de fazer. — O Zach endireita-se na cadeira.

— Se eu soubesse cantar e dançar, ninguém me segurava.

— Não, ele tem razão — diz a Shivani, acenando com a cabeça.

— Agora todas as celebridades fazem teatro! Tens alguma coisa em vista?

— Ela disse que me conseguia arranjar algumas audições... mas não sei bem o que sinto em relação a voltar para Nova Iorque.

— Hum, percebo. — O Zach acena com a cabeça. — Eu não consigo lidar com o metro.

— Antes de mais, Nova Iorque é incrível. — A Shivani desvaloriza imediatamente o comentário dele. — Além disso, não é para sempre. Se conseguires um papel, essas produções não duram, no máximo, um ano? Então, depois voltas.

Apesar do rumo da minha carreira, nunca sonhei ver a minha cara no grande ecrã. Atuar em palco e a adrenalina que sinto perante uma plateia ao vivo sempre foram o meu verdadeiro amor. Em miúda, passava horas a ver a cassete VHS de *Music Man* ou a recitar todas as falas de *My Fair Lady*. Foram praticamente os meus avós que me criaram e, quando morreram, saí de casa para estudar teatro. O único lugar onde podia ser qualquer pessoa menos eu própria. E consegui. Cheguei à Broadway. Tinha a carreira. E a vida com que sempre sonhei. Mas não posso voltar atrás.

— Pronto, está bem, vou pensar nisso. — Dou um gole na margarita. — Contentes?

— Sim! E agora, a sério. — O Zach endireita-se. — O que é que vocês têm contra as novelas?

— Olha que se me oferecerem um papel numa novela, eu aceito sem pensar duas vezes. — Suspiro. — A coisa está complicada.

— Por falar em coisas complicadas... — O Zach pega noutro nacho. — Que raio é que se passa com os homens?

— Tipo, no geral? — pergunto.

— Sim. — O Zach aponta-me um dedo. — Mas, mais especificamente, no que toca a namorarem comigo.

— Oh, não! O que se passou com o Andy? — Da última vez que o Zach nos falou da sua vida amorosa, ele e o Andy iam fazer uma viagem a Las Vegas.

— Pelos vistos, as coisas estão a *avançar demasiado depressa* para ele — diz ele, fazendo aspas com os dedos. — Ele quer ir com calma.

— Mas ele não tem uns 60 anos? — pergunta a Shivani.

— Tem 64.

— Minha nossa... estás a ver? É precisamente por isso que tens de deixar o Universo pôr a pessoa certa no teu caminho... como eu estou a tentar fazer com a June e o Ben. — A Shivani lança-me um sorriso malicioso.

— Não. — Abano a cabeça. Desde que começou a namorar, a Shivani decidiu que a missão de vida dela é pôr todos os amigos solteiros em relações sérias. E o seu principal projeto sou eu e um dos seus clientes das aulas particulares de pilates.

Os meus outros amigos na casa dos 30 estão casados, em relações estáveis, a ter filhos ou a comprar casa. Eu posso dizer, com toda a confiança, que não estou em nenhuma dessas fases. É impossível comprar casa com um único ordenado e o mundo dos encontros em Los Angeles é bastante deprimente. Vendo as coisas pelo lado positivo, se um dia tiver de mudar de carreira e dedicar-me à *stand-up comedy* — o que, neste momento, já nem me parece assim tão irrealista — ao menos terei uma boa história para contar.

— Vá lá! Porque não? — insiste a Shivani. — Já se passou um ano desde o teu último encontro. E provavelmente dois desde a última vez que tiveste sexo.

— Isso não é verdade! — defendo-me, mas a Shivani e o Zach trocam um olhar silencioso. — Está bem, pronto! Talvez seja verdade. — Tento lembrar-me da última vez que estive com alguém... e tudo

o que me vem à cabeça é a horrível aventura de uma noite que tive com outro ator de *Swindlers*. — Simplesmente, neste momento não tenho interesse nenhum em namorar. Acaba-se sempre com tipos como o Andy. Homens de 64 anos que cancelam viagens a Las Vegas precisamente quando a coisa começa a ficar séria.

— Ela não deixa de ter razão. — O Zach dá um gole na margarita.

— Está bem — diz a Shivani. — Mas só para que saibas, o Ben é objetivamente atraente, tem sentido de humor e gere uma empresa de suplementos naturais e proteína em pó.

— Tipo esquema em pirâmide? — pergunto, pestanejando.

— Não, ele é dono da empresa.

— É suposto isso ser uma *coisa boa*? — pergunta o Zach, franzindo o sobrolho.

— Ele é empresário! — diz a Shivani.

— Agora fiquei curiosa para saber como é que me descreveste a ele — digo, rindo-me.

— És tipo a Michelle Pfeiffer no *Grease 2* — interrompe o Zach, e eu aprecio a referência tão específica. — És um diabo sobre rodas, estás a ver? Descontraída, sarcástica, mas divertida.

— A Michelle Pfeiffer não era um diabo sobre rodas, andava era à procura de um diabo sobre rodas — corrijo-o.

— Mas que raio é que vocês estão para aí a dizer? — A Shivani abana a cabeça.

— *Grease 2* — repete o Zach.

— Vocês são literalmente as únicas duas pessoas no planeta que viram esse filme... Nós só queremos ver-te feliz, June.

— Bem, uma relação não me vai fazer feliz. Sabes o que me vai fazer feliz? Um trabalho.

A Shivani ri-se e ergue o copo.

— *Touché*.



Depois de uma noite de bebedeira motivada pelos três *cocktails* a metade do preço, acordo na manhã seguinte ligeiramente em pânico e com uma dor de cabeça moderada quando me lembro de que não tenho trabalho, nem salário garantido e planos nenhuns. Embora este medo não seja novidade para alguém com a minha profissão, percebi que só piora com a idade.

Como os papéis que consigo são irregulares, é difícil manter um emprego a tempo inteiro que me dê flexibilidade. De poucos em poucos meses, volto sempre ao ponto de partida: ou termino um projeto ou levo com mais uma rejeição e fico a pensar se esta carreira faz realmente sentido para mim. E estou cansada.

É demasiado cedo para infligir este tipo de sofrimento a mim própria, mas pego no telemóvel e abro a aplicação do banco. Todos os músculos do meu rosto se contraem enquanto fico a olhar para os números no ecrã. Tenho muito menos dinheiro do que pensava entre a conta à ordem e as poupanças. E nem sequer estou a contar com o valor que recebi de *Os Vigaristas*, porque esse vai direitinho para o nosso querido amigo, o Estado.

Faço rapidamente as contas de cabeça e subtraio a minha parte da renda do próximo mês. É seguro dizer que, se não arranjar trabalho *hoje*, muito provavelmente terei de pedir à Shivani e ao Zach que me desenrasquem até lhes poder pagar.

Meio ensonada, caminho até à casa de banho e vislumbro o meu reflexo no espelho. Os olhos e a estrutura óssea vieram do lado filipino da minha mãe. Apesar da sua ausência na minha vida, tenho de admitir que é uma mulher lindíssima. O nariz e a cabeleira espessa e encaracolada vieram do meu pai, seja lá ele como for. Os caracóis estão ainda mais indomáveis do que o costume, por isso pego no primeiro elástico de seda que encontro e prendo o cabelo num coque, fazendo uma careta ao reparar em mais alguns fios brancos perdidos no meio do meu cabelo escuro.

O nosso apartamento fica na zona de transição entre Eagle Rock e South Arroyo. Não vivemos sequer perto da praia, e eu prefiro assim.

Há qualquer coisa de perturbadoramente comercial na zona oeste e esta é uma parte de LA que mais parece uma vila com vida própria do que um clube social de fachada.

O meu apartamento anterior não tinha máquina de lavar nem secar, nem ar condicionado, e os azulejos do duche tinham uma mancha preta permanente que o senhorio me garantiu, mais do que uma vez, *definitivamente não ser bolor*. Embora este apartamento de três quartos seja totalmente o oposto do meu antigo estúdio, mal podia esperar por voltar a ter um espaço só meu. Pelos vistos não vai acontecer tão cedo.

Como a luz natural do sol é demasiado para os meus olhos, fecho as cortinas e vou fazer café. O meu único consolo esta manhã é o facto de o Zach e a Shivani estarem os dois a trabalhar, por isso tenho a casa só para mim. Enquanto a cafeteira começa a emitir aquele som reconfortante do café a sair, pego no telemóvel e sinto imediatamente o ânimo a esvaziar-se. Já passou uma semana desde a última vez que falei com a Theo e ela continua sem dar notícias.

É então que reparo num e-mail de um remetente desconhecido.

Assunto: Perry Street, n.º 74

Sobressalto-me e aproximo o telemóvel da cara. Não pode ser. Isto só pode ser *spam*. Ou melhor ainda... um engano.

Estalo os dedos, um vício antigo que me acompanha desde os tempos de escola, e clico na mensagem não lida. Quando percebo que afinal *não é spam*, vou até ao sofá e abro o e-mail no portátil.

Olá, Menina Wood,

O meu nome é Mara Davis e estou a contactá-la em nome do gabinete de contabilidade Bower & Robbins. Temos uns documentos legais que exigem a sua atenção imediata, uma vez que dizem respeito à sua residência na Perry Street, n.º 74, em Nova Iorque. Pedimos, por favor,

que nos responda indicando a sua disponibilidade para uma reunião presencial com um dos nossos representantes antes do dia 24 de setembro.

Com os melhores cumprimentos,

Mara Davis

Contabilista Certificada, Bower & Robbins

— Mas que raio? — murmuro para mim mesma.

Leio o e-mail uma, duas, três, quatro vezes seguidas e continuo completamente confusa. As únicas pessoas incluídas na mensagem sou eu e esta tal Mara, o que torna tudo ainda mais intrigante. Abro um novo separador e pesquiso no Google por «Gabinete de Contabilidade Bower & Robbins». Muito bem, pelos vistos existe mesmo. Mas o nome não me diz absolutamente nada. Que documentos legais poderiam precisar da minha atenção? E, mais especificamente, documentos relacionados com um sítio onde vivi há cinco anos?

Passo as mãos pelo cabelo e desfaço o coque. O apito da máquina ao fundo avisa-me de que o meu café está pronto, mas, antes de me levantar, escrevo uma resposta.

Olá, Mara,

Muito prazer em conhecê-la, ainda que por e-mail. Já não vivo em Nova Iorque. Seria possível esclarecer estes detalhes através de uma chamada telefónica ou videochamada? Tenho disponibilidade a qualquer hora.

Obrigada,

June

Fecho os olhos com força, carrego no botão «Enviar» e fecho imediatamente o portátil como se estivesse a pegar fogo. Não costumo beber café preto, mas esta manhã decido dispensar o leite. Bebo o líquido aguado de um trago e sirvo-me imediatamente de outra

chávena. Nem sequer cinco minutos depois, o telemóvel vibra sobre a bancada da cozinha.

— Ai, pelo amor de Deus... — Tamborilo nervosamente com os dedos na chávena. — É só um e-mail, June.

June,

Agradeço a sua pronta resposta. Neste momento, não nos é possível divulgar detalhes específicos, mas pedimos que tenha em consideração que existem benefícios financeiros envolvidos e que é do seu maior interesse comparecer presencialmente. Compreendo que o prazo seja apertado, mas infelizmente não é negociável. Partilho abaixo a morada do nosso escritório. Caso tenha mais alguma questão, não hesite em contactar-nos.

Mara

— Estão a gozar comigo?! — Atiro a cabeça para trás, incrédula. Sim, tenho algumas questões. A principal delas é: mas que raio é que se está a passar?

Agarro rapidamente no portátil e começo a procurar voos de Los Angeles para Nova Iorque, fazendo uma careta ao ver os preços para o resto da semana. Abro outro separador e deixo escapar um gemido de desespero perante a lista de hotéis disponíveis.

Se ignorar isto, tenho a certeza de que não conseguirei concentrar-me em mais nada hoje... ou até para o resto da vida. Além disso, não é como se tivesse outros compromissos neste momento. Mas, acima de tudo, *preciso* de saber do que se trata. Mesmo que isso me aterroze por razões que nunca me permiti processar verdadeiramente. Não posso ignorar isto.

Começo a sentir o estômago às voltas e o coração dispara-me a um ritmo alarmante, o que não é propriamente consequência da cafeína em jejum. Esta viagem vai dar cabo das minhas poupanças, deixando-me apenas com o essencial para sobreviver ao próximo mês.

— Merda... — murmuro entre dentes, preparando-me mentalmente para ver os últimos mil dólares da minha conta bancária desaparecerem. É bom que isto valha a pena.

Pego no telemóvel e ligo à Theo. Enquanto o telefone chama, releio o e-mail da Mara vezes sem conta, como se estivesse a memorizar um texto. Sem deixar escapar um único detalhe ou sinal de pontuação. Documentos legais que requerem a minha atenção imediata? É do meu maior interesse comparecer presencialmente? Nada disto faz sentido.

— June, olá! — atende a Theo.

— Olá. Não é demasiado cedo, pois não?

— Não, estás à vontade. Acabei agora de sair de uma aula de yoga. — Além de figurar na prestigiada lista dos melhores executivos do cinema e da televisão com menos de 40 anos, segundo o *The Hollywood Reporter* e a *Variety*, a Theo é ainda mãe de duas crianças e o tipo de progenitora que vai a todos os jogos de futebol e competições de ginástica dos miúdos. Não faço ideia de como consegues.

— Hipoteticamente — começo eu por dizer. — Se eu conseguisse estar em Nova Iorque na próxima semana... achas que conseguirias marcar uma audição?

O melhor de ser atriz é que, tal como acontece na maioria dos trabalhos *freelance*, dá para meter muitas despesas que depois podem entrar nas deduções fiscais. Uma audição, se tiveres a sorte de conseguir uma, é uma delas. Porque a única forma de eu justificar o facto de gastar as minhas poupanças para ir a Nova Iorque é convencer-me de que, tecnicamente, nem as estou realmente a gastar.

— Porque me estás a perguntar isso como se eu não andasse há anos a tentar arranjar-te audições em Nova Iorque?

— Theo, a sério! — Contenho uma gargalhada.

— Sim — responde ela. — Diz-me só os dias.

— Graças a Deus. — Solto um suspiro de alívio. — Tens a certeza?

— Tenho a certeza — diz ela lentamente.

— Está bem. Eu mando-te mensagem assim que tiver tudo marcado.

— Presumo que a certa altura me vais explicar o que se passa...

— Espero que nada — respondo.

— Sabes que mais, nem vou perguntar — atira a Theo. — Deixa-me fazer umas chamadas. Falamos em breve.

— Está bem, obrigada!

Depois de uma pausa tensa, carrego finalmente em «Responder».

Olá, Mara,

Terça-feira, 24 de setembro, é o dia que me dá mais jeito.

June

Bem, parece que *vou* mesmo para Nova Iorque.

Capítulo 2



Menos de quarenta e oito horas depois, estou no primeiro voo para o JFK. O livro que trouxe continua intocado na mala e nem me dou ao trabalho de espreitar as sugestões de filmes «escolhidos a dedo para meu deleite». Sempre que há o mais leve indício de turbulência, cravo as unhas nos apoios de braços de ambos os lados. Não porque tenha medo de voar, mas porque não faço ideia do que raio estou aqui a fazer. Já se passaram cinco anos desde que estive em Nova Iorque e, a cada minuto que passa, isto parece-me uma ideia cada vez pior.

O meu primeiro instinto foi contactar a Chloe, que mora na cidade — quer dizer, no Connecticut, mas não lhe digam que eu disse que é praticamente a mesma coisa —, só que esta viagem dura apenas quarenta e oito horas, e andar a conviver não faz parte dos meus planos. Nem sequer com a minha melhor amiga. Não é que não queira. Não há nada que eu queira mais do que ver a Chloe e passarmos tempo juntas como antigamente. Até porque, para ser sincera, sair-me-ia muito mais barato ficar em casa dela, apanhar o comboio para a cidade e poupar centenas de dólares em hotel. Acreditem, pensei nisso. Mas isso implicaria uma explicação. Uma explicação para o facto de estar desempregada... outra vez. Uma explicação para o facto de ter voltado à cidade. E uma verdadeira explicação para o motivo pelo qual me fui embora.

O meu objetivo é entrar e sair dali rapidamente. Simples, rápido e indolor. Como se nada tivesse acontecido.

— Dentro de vinte minutos iniciaremos a descida para o aeroporto JFK — anuncia uma voz abafada pelo intercomunicador. — A hora local é 13h13. Para vossa segurança e a dos restantes passageiros, pedimos que permaneçam sentados com o cinto de segurança apertado e mantenham os corredores desimpedidos até à aterragem.

Sinto um aperto no peito quando o avião inclina suavemente para a esquerda e vislumbro, por breves instantes, a silhueta de Manhattan. É apenas um breve instante, mas parece que nunca parti. Volto a ser a rapariga de olhos brilhantes que saiu de Toronto para estudar teatro e cujos dias consistiam em ensaios e aulas de representação, enquanto as noites eram passadas a trabalhar numa livraria local. Essa rapariga tinha vontade de viver, e eu tenho saudades dela.

É impossível, mas juro que consigo ouvir o pulsar da cidade a sussurrar debaixo dos meus pés. Os músicos de rua, o som dos carris do metro, as sirenes misturadas com o trânsito incessante. Tal como previsto, pouco depois as rodas do avião tocam na pista e estou de volta.

Estou de volta a Nova Iorque.

Já não ando de transportes públicos há séculos e não sei se adoro ou detesto a naturalidade com que volto a entrar na linha E do metro. É como se fosse memória muscular. Conduzir foi algo a que tive de me habituar quando me mudei para Los Angeles, mas o tempo a sós no trânsito lento e caótico acabou por me entrar no sangue. Só que aqui, sentada no metro, volto a lembrar-me da forma como as pessoas de cá vivem tão expostas umas às outras, de como existe uma espécie de espírito de comunidade.

Sinto uma vontade irresistível de sair na West Fourth Street e comprar uma fatia no Joe's Pizza, um dos meus locais de eleição nesta parte da cidade. Mas tento resistir à tentação, lembrando-me de que estou aqui em trabalho e não lazer. Quando finalmente chego ao hotel em Tribeca, semelhante a qualquer Hilton ou Marriott típico,

sou surpreendida pela vista nítida de Manhattan através da janela do quarto.

Está uma bela tarde ensolarada de final de setembro e, vista cá de cima, é fácil perceber porque é que esta cidade é fascinante. Obrigome a desviar o olhar, tiro uma camisola de lã da mala de mão e procuro a morada que a Mara partilhou no e-mail.

O edifício é moderno, limpo e com um interior decorado quase todo em tons de branco. Muito assético. O elevador leva-me até ao décimo oitavo andar, onde encontro uma placa na parede a dizer *Bower & Robbins*.

— Olá, em que posso ajudar? — pergunta um homem com uma densa cabeleira castanha e camisa preta de trás do balcão da receção.

— Sim, olá. Tenho uma reunião marcada com a Mara Davis às quatro — digo. — O meu nome é June Wood.

Os olhos dele percorrem rapidamente o ecrã do computador.

— Perfeito. Faça o favor de se sentar. A Mara vem já.

— Ótimo, obrigada. — Dou um passo, mas estanco a meio do caminho. — Já agora, por acaso sabe me dizer sobre o que é esta reunião?

— A Mara irá explicar-lhe todos os detalhes — responde ele.

— Certo, claro. — Aceno com a cabeça. — Mas não aparece nada nas suas notas ou...

— Se se puder sentar, por favor, a Mara vem já.

Inspiro fundo pelo nariz e forço um sorriso.

— Está bem.

Não está mais ninguém na sala de espera, por isso atravesso o espaço e escolho um lugar num canto de onde consigo ter uma visão de tudo à minha volta. Mais ao fundo, o elevador emite um sinal sonoro e alguém sai para entrar noutro escritório. Cada movimento, cada som, deixa-me ainda mais ansiosa do que já estava.

Esta antecipação é muito pior do que qualquer audição por que já tenha passado.

— Menina Wood? — Uma mulher que aparenta ter uns 50 e poucos anos surge ao virar da esquina. Tem um corte de cabelo *bob* loiro impecável e uns óculos de massa com armação grossa. Daqueles que praticamente imploram para que alguém diga «belos óculos». Levanto-me e, antes sequer de conseguir responder, ela já me está a apertar a mão.

— Sou a Mara. É um prazer conhecê-la oficialmente.

— Igualmente. — Forço um sorriso.

A Mara conduz-me pelo corredor, passando por seis ou sete gabinetes, até virarmos na última porta à direita. Dá a volta à secretária e indica-me a cadeira à frente dela, na qual me sento. Atrás dela há uma janela enorme, do chão até ao teto, com mais uma vista arrebatadora da cidade. Está bem, já percebi. Nova Iorque, és linda.

— Obrigada por ter vindo até cá, menina Wood. Imagino que a viagem tenha sido longa.

— Ah, não há problema — minto, tentando não pensar no rombo que esta viagem pode deixar nas minhas poupanças. — E, por favor, pode tratar-me por June.

— June — diz ela, acenando com a cabeça. — Então, para me apresentar devidamente, trabalho como contabilista certificada há mais de vinte anos e estou na Bower & Robbins há doze. Trabalhamos com todo o tipo de clientes: desde empresas e particulares, a sociedades imobiliárias, fundos, organizações sem fins lucrativos, entre outros — diz ela, e eu não lhe digo que já sabia disso graças às minhas exaustivas pesquisas nas últimas quarenta e oito horas. — Eu trabalho sobretudo com particulares e famílias, bem como com o setor imobiliário.

— Ah, muito bem.

O meu cérebro continua a passar em revista todas as possibilidades para eu estar aqui. Nunca houve problema nenhum quando

morei na Perry Street. Será que isto tem que ver com a renda? E se os pagamentos nunca chegaram a ser processados e eu agora devo uma fortuna em rendas atrasadas?

— Muito bem. — A Mara ajusta o ecrã do computador. — Antes de começarmos, há alguns detalhes que preciso de confirmar consigo e que não tive oportunidade de perguntar por e-mail.

— Claro. — Aceno com a cabeça e afasto o cabelo para trás da orelha.

— Então, tenho aqui registado que viveu no número 74 da Perry Street durante... — Vejo os olhos dela percorrerem o ecrã de um lado para o outro. — Seis anos?

— Correto. — Limpo a garganta, preparando-me para o resto das perguntas.

— Perfeito. — Ela entrega-me um iPad com um formulário cheio de informações: nome legal, profissão, morada atual, contacto, entre outras coisas. — Se não se importar, poderia dedicar uns minutinhos a preencher isto, por favor?

— Claro. — Pego no dispositivo, preencho os dados necessários e devolvo-lho.

— Obrigada. — Ela dá uma vista de olhos pelas minhas respostas e depois sorri. — Na verdade, talvez seja melhor esperarmos por todos antes de continuarmos.

Inclino ligeiramente a cabeça, como se me ajudasse a perceber melhor o que acabou de dizer.

— Todos?

— Sim, ele deve estar a chegar a qualquer mo... — Nesse instante, como se tivesse sido combinado, o telefone do escritório toca e ela atende. — Sim? Hum. Pode mandá-lo entrar.

Ela está a falar de outra pessoa. *Tem* de estar a falar de outra pessoa. Talvez outro contabilista. Não pode ser...

Sinto as palmas das mãos começarem a suar, incapaz de acalmar o bater acelerado do meu coração. Por amor de Deus, não pode ser.

Lembro-me perfeitamente de ter relido todas as trocas de e-mail com a Mara e de reparar que eu era a *única* pessoa na conversa.

Ouve-se uns sons abafados do outro lado da parede. Não consigo perceber o que está a ser dito, mas sei que há uma voz masculina.

Eu conheço aquela voz.

Normalmente, não sou muito de planear. É verdade que uso uma agenda para as reuniões e outros compromissos, mas gosto de viver o dia a dia sem horários. Sou mais do tipo «logo se vê». Ainda assim, há certas coisas para as quais gosto de me preparar mentalmente: audições, concertos que sei que me vão fazer chegar a casa à uma da manhã e possíveis encontros com pessoas que jurei a mim própria nunca mais voltar a ver.

Aperto os punhos com tanta força que sinto as unhas cravarem-se nas palmas das mãos. Isto deve ser o mais próximo que já estive de um ataque de pânico. Ou então estou mesmo a ter um ataque de pânico, sei lá. Como é que é suposto ser um ataque de pânico? Parece-se com algo como não conseguir respirar e, ao mesmo tempo, sentir que se vai borrar as calças todas?

Os meus olhos desviam-se para a janela atrás da Mara e dou por mim a pensar em quantas pessoas terão sobrevivido a uma queda de dezoito andares. Agarro na mala, pronta para fugir daqui, mas já é tarde demais. O som dos passos aproxima-se e começo a ouvir a voz do homem com mais clareza. Sinto, literalmente, o meu rabo a suar. Nem sequer sabia que isso era fisicamente possível.

Ele está cada vez mais perto, até que a porta finalmente se abre. Recuso-me a virar, mas vejo o rosto da Mara iluminar-se ao olhar para quem acabou de entrar atrás de mim.

— Desculpem o atraso — diz uma voz grave. Uma voz que se sente nas veias. Uma voz impossível de esquecer.

Talvez seja a adrenalina. Não sei explicar, porque tudo o que está a acontecer parece desfocado, mas, de alguma forma, consigo levantar-me e virar-me.

Pela primeira vez em cinco anos, estou cara a cara — ou melhor, cara a peito — com o Adam Harper.

Vejo a ficha a cair-lhe, mas, ao contrário do que acontece comigo, o sangue não lhe sobe ao *rosto* como sobe ao meu.

Ele parece mais maduro, mas não velho. Notam-se mais algumas rugas à volta dos olhos, uma barba rala que antigamente nunca teria deixado crescer e, embora o Adam Harper sempre tivesse cuidado da forma física, está, de algum modo, em melhor forma e mais encorpado do que me lembrava. Está a usar uma camisa de ganga verde-tropa, calças pretas e botas de couro. Está *lindo*. Acho que sempre foi. As mangas estão ligeiramente arregaçadas e reparo no relógio que tem no pulso. Nunca costumava usar relógio.

— Olá — diz o Adam.

Os meus lábios entreabrem-se ligeiramente. Olá? *Olá?!* Ele nem sequer deveria estar aqui.

— Olá — respondo, embora a minha voz saia um pouco mais trémula do que gostaria.

Obrigo-me a olhá-lo nos olhos. Naqueles mesmos olhos cor de avelã que costumava contemplar todos os dias. Os mesmos que, pelos vistos, continuam a deixar-me de pernas bambas, por motivos que agora desconheço. As memórias atingem-me como uma onda gigante prestes a rebentar.

Lembro-me da forma como ele me passava os dedos pelo cabelo.

Lembro-me de como era gratificante arrancar-lhe uma gargalhada.

Lembro-me da última vez que o vi e das últimas palavras que trocámos.

— Como estás? — pergunta ele, sem desviar os olhos de mim.

Não estou a imaginar coisas: o Adam parece calmo e senhor de si mesmo, como se estivesse a perguntar ao raio do barbeiro o que tem feito desde o último corte. E em vez de pânico, sinto agora uma ligeira *irritação*. Irrita-me que ele esteja... bem.

— Bem. — Sorrio, apenas ligeiramente preocupada com o facto de o meu ritmo cardíaco não estar a abrandar.

Isto não devia estar a acontecer assim. Não era suposto reencontrarmo-nos desta maneira.

— Muito bem, vamos então sentar-nos. — A voz da Mara traz-me de volta à realidade e o Adam estende o braço, fazendo-me sinal para que me sente primeiro.

Ok, muito bem, parece que vamos mesmo fazer isto.

A Mara começa a falar, mas tenho dificuldade em processar seja o que for que ela diz, porque eu e o Adam estamos sentados lado a lado. Estamos mesmo na mesma sala. Acho que vou vomitar.

A certa altura, ela passa-lhe o mesmo iPad que eu tinha nas mãos há uns minutos e ele começa a preencher o formulário. Depois pega nos nossos documentos de identificação para os digitalizar e comenta qualquer coisa banal sobre o tempo. Não faço ideia. Estamos a menos de um metro e meio um do outro e, sim, vou definitivamente vomitar. O pior de tudo é que o Adam parece *bem*. Alto, forte, bonito e completamente tranquilo com esta situação.

Ele devolve-lhe o iPad e olha para mim. No segundo em que os nossos olhares se cruzam, desvio imediatamente o olhar para a Mara, como se ele fosse a versão masculina da Medusa. Tarde de mais. Já me sinto uma estátua de pedra reduzida a escombros.

— Sr. Harper, tenho aqui registado que também residiu no número 74 da Perry Street durante seis anos.

— Correto. — O Adam mantém o olhar fixo na Mara.

Seis anos. Vivemos juntos durante seis anos. Mas o Adam não era apenas o meu colega de casa... não se pode reduzir alguém com quem se partilhou uma vida inteira ao simples papel de *colega de casa*. Um colega de casa é apenas alguém que divide a renda contigo, uma presença passageira como um navio que, por acaso, atraca no mesmo porto que tu. Um colega de casa não conhece os teus segredos mais obscuros nem os teus sonhos mais íntimos. E certamente não sabe exatamente qual é o ponto da tua clavícula que te faz gemer de prazer só com um toque.

Parte de mim tem vontade de agarrar o Adam pelo braço e dizer «ei, bora sair daqui»... *separadamente*, claro. Só que isso implicaria falar com ele.

— Ótimo. — A Mara continua concentrada no ecrã. Qual é sequer a utilidade daqueles óculos gigantescos se ela não consegue perceber que alguém está prestes a vomitar em cima da própria roupa? — Muito bem, antes de mais, obrigada aos dois por terem cá vindo pessoalmente. — Tira uma pasta castanha cheia de documentos.

Mexo-me desconfortavelmente na cadeira, porque a última coisa de que preciso neste momento é de olhar para papelada. Mal consigo concentrar-me. Se soubesse que ele estaria aqui, nunca teria atravessado o país de avião. Teria exigido que isto fosse uma chamada por Zoom com as câmaras *desligadas*.

— Como estava a dizer, sou contabilista certificada há mais de vinte anos e trabalhei com o Stanley Hill durante quinze desses anos.

Endireito-me na cadeira. Não ouvia o nome Stanley Hill desde que saí de Nova Iorque. A minha mente regressa às poucas, mas boas, memórias que guardo dele enquanto nosso senhorio. As histórias que nos contava sobre ter crescido em Brooklyn. A forma como fechava os olhos quando nos atrasávamos uma ou duas semanas na renda. A tranquilidade de saber que podíamos recorrer a ele se um cano rebentasse ou se o aquecimento deixasse de funcionar.

— Como está o Stanley? — pergunta o Adam.

O sorriso da Mara perde imediatamente o brilho.

— Lamento informar-vos de que o Sr. Hill faleceu no início deste mês.

— O quê? — Sinto o meu semblante mudar e olho instantaneamente para o Adam. Está de braços cruzados com o punho encostado à boca, o que me diz imediatamente que também ele não fazia ideia. Quando volto a falar, a minha voz sai baixa e cuidadosa.

— P... posso perguntar o que aconteceu?

— Alzheimer — responde a Mara, e sinto imediatamente um nó na garganta. Sei que o Stanley não tinha família nem filhos e que deve ter enfrentado a doença sozinho. — Foi desejo do Sr. Hill que não houvesse funeral. Mas quero que saibam que ele não sofreu durante muito tempo e que partiu em paz. Estive com ele uma semana antes... e ele estava feliz.

Apesar do choque da notícia e do arrependimento que sinto por não ter mantido contacto, aqueles detalhes acabam por ser um pequeno consolo.

— Ainda bem — diz o Adam, baixinho.

— Dito isto, na qualidade de administradora dos bens do Sr. Hill... — A Mara conduz cuidadosamente a conversa para outro assunto crucial. — Existem algumas questões relativas à morada Perry Street, número 74, que precisam de ser tratadas.

Entre o aparecimento inesperado do Adam e a notícia do falecimento do Stanley, quase me tinha esquecido de que havia um motivo para termos sido chamados aqui. Os últimos cinco minutos já foram demasiado para processar e sinceramente não acho que tenha capacidade emocional para lidar com mais nada.

O Adam mexe-se na cadeira e inspira fundo.

— Sim, claro.

A Mara lambe o dedo indicador e folheia o documento até a uma página específica. Ajusta os óculos e examina o documento que tem diante de si. Depois retira uma folha e pousa-a sobre a secretária de mármore.

— De acordo com o planeamento sucessório — diz a Mara, rodando o documento na nossa direção e empurrando-o para mais perto de nós. — O imóvel no número 74 da Perry Street passa agora a pertencer a Adam Harper e June Wood.

Capítulo 3



Diz alguma coisa, digo a mim própria. Diz qualquer coisa.

A Mara está a olhar para mim e para o Adam, e nós estamos a olhar para ela, sem palavras. Isto é, literalmente, o maior período de silêncio da história da humanidade.

— Desculpe? — ouço finalmente a minha própria voz, depois do que me pareceu terem sido catorze minutos inteiros de silêncio. *Como é que isto é possível? Eu e o Adam já não vivemos naquela casa nem falamos com o Stanley há anos. Por que haveríamos de ser donos dela?*

— De certeza que deve haver algum engano... — diz o Adam, desviando o olhar da Mara para mim. Até mesmo este breve contacto visual parece avassalador.

— Não há engano nenhum, Sr. Harper. Está tudo aqui escrito. — Ela empurra o papel na nossa direção.

O Adam pega imediatamente na folha e vejo os seus olhos percorrerem o texto de um lado para o outro. Passado um momento, entrega-ma e é aí que sinto o seu cheiro. O Adam cheira a cedro ou a pinho, não sei bem, mas um aroma amadeirado.

A sala começa a andar à roda enquanto tento processar o facto de os nossos nomes e apelidos estarem efetivamente escritos por baixo de «Proprietários do Imóvel». Esta folha de papel sem valor

está a dizer-me que sou proprietária de uma casa com um homem para quem nem consigo olhar? Neste momento, ser processada por uma pequena fortuna em rendas em atraso parece-me um cenário bem mais agradável.

— Estou um pouco confuso. — O Adam recosta-se na cadeira e aperta a cana do nariz. — Quem vive lá agora?

— Neste momento, o imóvel está desocupado. Tem sido utilizado como Airbnb por uma empresa de gestão imobiliária. Daí algumas remodelações. — A Mara vira o ecrã do computador na nossa direção e surgem fotos da casa... ou melhor, de uma casa completamente diferente, se eu não soubesse. — Desde que vocês os dois saíram de lá, ninguém voltou efetivamente a *viver* na casa.

Por fora, a casa está exatamente igual à última vez que a vi, o que faz com que eu sinta o coração a começar a ficar apertado, pois o número 74 da Perry Street guarda demasiadas memórias, tão boas como dolorosas. Por dentro, porém, parece facilmente uma casa saída da capa da *Architectural Digest*. Ao longo da escadaria, há uma parede cheia de quadros e outras peças de arte, um enorme tapete trabalhado na sala de estar, um piano com ar *vintage*, estantes do chão ao teto e um sofá tão fundo que uma pessoa quase podia desaparecer lá dentro. Passei ali uma parte significativa da minha vida e esta remodelação puramente estética desperta em mim uma emoção estranha. Não é a mesma casa onde eu e o Adam vivemos há tantos anos.

— Todos os bens existentes no imóvel também estão incluídos no valor total — acrescenta a Mara.

O meu cérebro continua a processar tudo em câmara lenta.

— Valor total? — pergunto.

— Sim. — A Mara volta a lamber a ponta do dedo e tira mais uma folha do monte de papéis. — Então... há três semanas, quando foi feita a avaliação, os cerca de trezentos metros quadrados, juntamente com todos os bens incluídos, resultaram num valor patrimonial total de aproximadamente seis vírgula dois milhões de dólares.

Quase caio da cadeira enquanto o Adam inspira bruscamente ao meu lado. Isto é alguma piada? Estamos num programa de apanhados?

— Eu só... — escolho cuidadosamente as palavras. — Continuo sem perceber como é que isto aconteceu. Porquê nós?

— Ah. — A Mara acena com a cabeça. — O testamento do Sr. Hill especifica claramente que a propriedade do imóvel deve passar para quem lá residiu pela última vez. E, neste caso, as últimas pessoas a viverem no número 74 da Perry Street foram vocês os dois. — Ajusta novamente os óculos. — Olhem, como já disse, conheço o Sr. Hill há muitos anos. E, como certamente sabem, ele não tinha ninguém a quem deixar esta propriedade. As alternativas eram o imóvel passar para o Estado de Nova Iorque ou acabar nas mãos do banco, e ele preferiu esta opção.

Eu e o Adam olhamos um para o outro, completamente atónitos e sem palavras. O que ela diz até *faz* sentido, mas o meu cérebro continua incapaz de processar tudo.

— E há alguma hipoteca por assumir ou...? — O Adam inclina-se sobre a secretária para analisar os documentos. Em circunstâncias normais, eu provavelmente faria o mesmo, mas neste momento ainda me custa um pouco pensar. E também não consigo evitar sentir-me incomodada com o facto de o Adam estar a agir como se isto fosse apenas um negócio perfeitamente normal.

— Não existe nenhuma hipoteca pendente, Sr. Harper — esclarece a Mara. — Claro que existem questões logísticas associadas à posse de um imóvel, como impostos sobre a propriedade... mas tudo isso estará detalhado nos termos e condições. Neste momento, trata-se apenas de assinar a documentação necessária para formalizar a transferência.

— Isto é... — diz o Adam em voz baixa, e eu ainda não me habituei a ouvi-lo falar. É uma mistura de não querer sequer ouvir a sua voz e agarrar-me a cada palavra. — Muita coisa para processar, como

deve imaginar. Mas estamos muito gratos. — Olha para mim e eu estremeço ao ouvir a palavra «estamos». Não existe nenhum «nós».

— Claro, é muita informação de uma só vez. E, caso decidam vender o imóvel, terei todo o gosto em recomendar algumas pessoas.

Vender o imóvel! Sinto imediatamente uma onda de alívio. *Sim! Muito bem, agora é que estamos mesmo a falar. Vendemos a casa, dividimos tudo em partes iguais e seguimos com as nossas vidas.* E é então que me cai finalmente a ficha: esta casa muda absolutamente tudo. Vendê-la significaria estabilidade entre trabalhos, uma conta-poupança decente, um espaço só meu... e não ter de voltar a ver o Adam.

Quer goste quer não, esta casa é a solução para todos os meus problemas.

— Gostaria que um advogado analisasse tudo primeiro — diz o Adam, sem sequer me dar oportunidade de me opor.

— Sim, claro. Envio-vos toda a documentação por e-mail até ao final do dia e depois podemos voltar a reunir-nos.

— Obrigado, Mara. — O Adam aperta-lhe a mão e, intencionalmente ou não, a atitude dele parece quase uma resposta a mim.

— Foi um prazer. Agora, só mais algumas questões práticas. — diz a Mara. — Vamos marcar uma reunião de seguimento para o final do mês, para assinarem e tratarmos da documentação necessária.

— Parece-me bem — responde o Adam, acenando com a cabeça.

— Como parte da cláusula de herança, vamos precisar de um depósito equivalente a um mês de hipoteca. — A Mara vira outra folha e sublinha um valor a amarelo.

— O quê? — deixo escapar um arquejo antes de me conseguir controlar. Não há hipótese de eu conseguir pagar esse valor neste momento.

— Legalmente, não podemos concluir a transferência da propriedade enquanto estas condições não forem cumpridas — explica a Mara desapontada. — O depósito será integralmente devolvido assim que toda a documentação estiver processada.

Sento-me e fico sem palavras, porque o número à minha frente é superior a todas as minhas poupanças juntas.

— Não há problema. — O Adam vira-se para a Mara enquanto tira a carteira do bolso. — Posso pagar com o cartão de crédito?

— Sim, claro — diz ela, tirando o cartão das mãos dele.

Tudo acontece demasiado depressa. O Adam está a assinar qualquer coisa e, antes sequer de eu conseguir abrir a boca, o pagamento já foi feito. A Mara abre uma das gavetas da secretária e tira de lá um envelope branco.

— Aqui têm dois conjuntos de chaves. Sintam-se à vontade para ir ver a casa, fazer os vossos planos e até ficar lá, se quiserem.

Fico a olhar para o envelope, confusa.

— Então é isso? A casa agora é nossa?

— Bem... sim e não. — A Mara deixa escapar uma pequena gargalhada. — O depósito permite-vos ter acesso ao número 74 da Perry Street, mas legalmente ainda não podem alterar a morada nem iniciar o processo de venda antes da próxima reunião. Faz sentido?

— Sim, obrigada. — O Adam pega no envelope, já que eu claramente perdi a capacidade de me mexer.

— Dia 23 de outubro às dez da manhã funciona para ambos? — pergunta a Mara.

— Desculpe... outubro?! — digo. — Isso é daqui a um mês.

— Eu sei que não é o cenário ideal, mas, à semelhança de um depósito de garantia, precisamos de pelo menos vinte dias para concluir o processo de verificação.

— Mas acabou de dizer que a casa é nossa... — argumento.

— Tecnicamente, sim — diz ela, claramente já a irritar-se. — Mas a documentação ainda precisa de ser assinada.

— Olhe, Mara... — Levanto-me e digo o nome dela como se fôssemos velhas amigas, e não como se eu já me tivesse esquecido do seu apelido. — Eu tenho uma vida em Los Angeles que não posso simplesmente abandonar. Tenho responsabilidades. De certeza

que hoje em dia deve existir alguma alternativa *virtual* para tratar disto...

O Adam continua a folhear os documentos enquanto a Mara abana a cabeça.

— Estas condições foram definidas ainda antes de os miúdos começarem a usar o Zoom. — Faz aspas com os dedos e tenho a certeza de que não estou a conseguir esconder a minha expressão. A Mara deixa escapar uma risada constrangida e baixa imediatamente as mãos. — Enfim, peço desculpa aos dois pelo incómodo, mas isto não é negociável.

— Vinte e três de outubro está ótimo — interrompe o Adam, e eu viro imediatamente a cabeça na direção dele. — Estamos a falar de *muito* dinheiro e, obviamente, esta também é uma situação delicada para todos nós... Não queremos, de forma alguma, tornar as coisas ainda mais complicadas do que já são.

A sensação que tenho é a de que ele está mais a falar para mim do que para a Mara.

— Hipoteticamente — digo eu —, o que aconteceria se não pudéssemos avançar com isto?

— Nesse caso, a casa passa para o banco. — A Mara levanta-se e conduz-nos para fora do seu gabinete, fazendo com que eu e o Adam a sigamos como se fôssemos dois cachorrinhos. — E, se me permitem dar uma opinião, seria uma perda enorme. Principalmente tendo em conta a crescente valorização do imóvel. — Quando chegamos à receção, ela aperta-nos a mão aos dois. — Alguém do escritório entrará em contacto convosco para confirmar a próxima reunião e finalizar tudo.

— Mara...

— Parabéns — diz ela, e volta a sua atenção para um senhor mais velho sentado no mesmo lugar onde eu estava há vinte minutos. O homem faz-nos um aceno de cabeça e segue-a pelo corredor.

E, antes mesmo que eu dê por isso, ela desaparece. Só quando eu e o Adam ficamos ali, parados de forma constrangedora no meio

da sala de espera vazia, é que percebo uma coisa: a única razão pela qual eu ainda estava minimamente calma era a presença da Mara, sabendo que não podia perder o controlo, fazer uma cena ou desatar a chorar à frente de uma desconhecida.

É praticamente impossível não pensar em tudo o que se passou entre mim e o Adam. Memórias que demorei anos a enterrar continuam a vir à tona sem aviso, como um rio a transbordar depois de uma tempestade. O Adam está ali parado, com uma mão no bolso e a outra a passar pelo cabelo, antes de encolher ligeiramente os ombros.

Não consigo fazer isto.

— Tenho de ir — digo, empurrando as portas de vidro. O elevador fica ao fundo do corredor e estou determinada a entrar lá dentro antes de ouvir mais uma palavra que saia da boca do Adam.

— June — ouço-o chamar atrás de mim. A dizer o meu nome de uma maneira que só *ele* sabe. — Podemos falar sobre isto?

É uma pergunta com rasteira. Será que ele quer mesmo remexer no passado e falar sobre o que aconteceu há cinco anos? Ou sobre o facto de agora sermos donos de uma casa multimilionária juntos?

Carrego repetidamente no botão do elevador com o polegar, consciente de que ele se aproxima pelo corredor. Pondero descer pelas escadas de emergência, mas então as portas do elevador abrem-se e eu praticamente salto lá para dentro. O Adam está apenas a poucos passos de distância e eu começo a carregar freneticamente no botão para fechar as portas. Só que no preciso momento em que elas começam a fechar-se, ele consegue entrar e, *claro*, fico sozinha dentro do elevador com o Adam Harper durante dezoito andares.

«Umas vezes ganhamos, outras perdemos...
mas não podemos fazer nem uma coisa
nem outra se não estivermos
dispostos a arriscar.»

A recuperar do cancelamento da série televisiva em que participava, June Wood já não tem nada a perder quando um misterioso e-mail a faz regressar à casa de Nova Iorque onde viveu antes de se mudar para Los Angeles. De acordo com uma cláusula do testamento do falecido proprietário, ela e Adam Harper, o seu antigo companheiro de casa, são agora os novos donos da propriedade avaliada em milhões de dólares — ou, pelo menos, serão, dali a um mês, depois de assinarem toda a papelada.

Para isso, será necessário passar quatro semanas na companhia de Adam, com quem não fala há cinco anos, mas depois June poderá regressar a Los Angeles e esquecer Nova Iorque e tudo o que em tempos deixou para trás.

À medida que as folhas do outono vão caindo em seu redor, June e Adam começam a partilhar refeições e conversas de fim de noite, que levam ao ressurgimento de velhas feridas e sentimentos há muito enterrados, confirmando que os dois ainda têm assuntos por resolver. Confrontados com as consequências das escolhas feitas anos antes, terão agora de enfrentar o passado em conjunto. Mas, se conseguirem ser sinceros um com o outro e consigo mesmos, desta vez tudo poderá ser diferente.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
p penguinlivros

ISBN: 978-989-596-213-6



9

789895 962136